

Acordo com PMDB será tática no segundo turno

por Claudia Izique
do Rio

Apesar do desempenho nas urnas, o PMDB poderá ser o "coringa" das alianças entre partidos de esquerda, no segundo turno das eleições presidenciais. O PMDB detém a maior representação no Congresso, a despeito das defecções de campanha. Um poder de fogo inegável para um futuro governo.

A posição estratégica do PMDB aparece nítida na disputa que o PT, PDT e PSDB — mesmo quando embolados no segundo lugar das pesquisas de intenção de votos — travaram pelo vice de Ulysses Guimarães. Nas vésperas do dia 15, Mário Covas (PSDB) convidava Waldir Pires para substituir seu vice, o senador Almir Gabriel, na hipótese de passar ao segundo turno. Bocayuva Cunha, presidente do PDT, fez-lhe o mesmo aceno. O convite da Frente Brasil Popular veio através do deputado Plínio de Arruda Sampaio (PT). Era para um ministério, mas também considerava a possibilidade da vice-presidência, no lugar do senador Paulo Bisol.

Assessores graduados do ex-governador da Bahia revelam que Pires não recusou nenhuma das propostas. Deverá seguir a orientação do partido, mas não pretende desligar-se do PMDB. Neste caso, qualquer aliança ficaria condicionada à coligação partidária. O PMDB se reúne em Brasília amanhã, para decidir o rumo das alianças.

O governador do Rio de Janeiro, Wellington Moreira Franco, garante que

acompanhará a posição do PMDB: "O partido manterá posição de centro esquerda", diz. Um acordo com o PSDB, classificado para o segundo turno, seria a solução ideal para o PMDB. "Covas é parte do partido", lembra o deputado Jorge Gama, da Comissão de Ética do PMDB. Alianças com Lula ou Brizola mereceriam uma análise mais detalhada e teriam o mesmo peso na estratégia de "rechaçar o conservadorismo, segundo Gama. O candidato do PDT leva a vantagem de contar com o aval, ainda silencioso, do governador Orestes Quércia, que, juntamente com Ulysses e Waldir, repercute hoje as forças mais produtoras e influentes dentro do partido.

Lula tem a simpatia do governador Miguel Arraes.

Inegavelmente, as alianças apontam para uma partilha de poder, e a vice-presidência é estratégica. "O PT negocia a vice-presidência. Existe plena disposição para a negociação de poder", adianta Jorge Bittar, presidente da executiva do PT no Rio de Janeiro. Lula defende "um governo de composição com as forças políticas progressistas", todavia num espectro limitado: teme a reedição da Aliança Democrática. Acordos na chapa do PT poderão ir de Waldir Pires a Miguel Arraes, passando por Covas. "Os contatos já estão acionados", diz Bittar.

O PDT parece demonstrar a mesma disposição. "No segundo turno, a opção política e ideológica será muito firme e decidida", indica o deputado Vivaldo Barbosa.